

## RESENHA

### *ROMPENDO FRONTEIRAS ENTRE “NÓS” E “ELES” ESTRANHOS À NOSSA PORTA*

Ana Cristina Balestro<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense

Luiz Roberto de Almeida<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo

Este livro, *Estranhos à Nossa Porta*, publicado no Reino Unido em 2016, traduzido por Carlos Alberto Medeiros e publicado no Brasil pela editora Zahar em 2017, é um dos últimos livros publicados do sociólogo e filósofo da pós-modernidade Zygmunt Bauman. Nascido em uma família de judeus em 1925 na Polônia e falecido em 2017 no Reino Unido, Bauman se tornou mundialmente conhecido por seus pensamentos sobre a “modernidade líquida”, sempre em uma tentativa de ajudar a humanidade a viver melhor por meio do entendimento das origens e das circunstâncias das questões envoltas na vida em sociedade atualmente. Com mais de trinta livros publicados no Brasil, destacam-se: *Globalização: as Consequências Humanas*, de 1998, no qual o autor vai cunhar o termo “modernidade líquida”; *Modernidade Líquida*, de 2000, livro base de sua obra no qual ele aprofunda o conceito de “liquidez”; e *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, de 2003, considerado um *best-seller* que aproxima o autor de uma massa maior de leitores.

Com seis capítulos e 119 páginas, este livro é um ensaio sobre as questões envoltas nos movimentos migratórios do século XXI. Nele, Bauman, que também teve sua história de vida marcada pela migração, analisa algumas questões que já havia abordado no livro *Vidas Desperdiçadas*, de 2004. Com foco na aceleração do influxo de pessoas na União Europeia, Bauman tece sua argumentação pautada em dados recentes sobre o tema: pesquisas de opinião e discursos de políticos que exercem papéis de liderança nos principais países pretendidos como destino desses migrantes. Convicto de que esses movimentos migratórios em massa não vão se interromper, o autor referencia também alguns teóricos cujos conceitos se mostram necessários

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: acbalestro@id.uff.br.

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina na Universidade de São Paulo. Email: luiz.rob@gmail.com.

e relevantes para construir um pensamento atual sobre as questões decorrentes do tema, como por exemplo Immanuel Kant e Hannah Arendt.

Desde o início da modernidade sempre existiu um fluxo constante dos “migrantes econômicos”, pessoas buscando melhores condições de vida, um fenômeno que beneficiou por muitos anos os interesses empresariais por mão de obra barata, bem como tem sido conteúdo manipulado em discursos políticos em busca de popularidade. Quais são as reais medidas tomadas para entender as bases e as razões que contribuíram e continuam alimentando o momento que se experimenta atualmente? Que medidas vêm sendo debatidas abertamente para estancar esse fluxo humano que vem acontecendo em condições tão precárias? O fato é que, atualmente, há um influxo acelerado de refugiados que se acrescentou a esses migrantes, resultantes de conflitos majoritariamente em regiões do Oriente Médio e África.

Na contraposição entre o “nós” e os “outros”, Bauman inicia este livro retomando a gangorra de notícias sobre a “crise migratória”, que oscila ora entre debates e preocupações causados por fotos ou números chocantes e ora entre a escolha de deixar a situação dos “outros” do lado de fora da zona de conforto e segurança do “nós”. Relembra imagens de impacto e manchetes pensadas para chamar a atenção de quem está do lado “de dentro” sobre um fenômeno que representa uma ameaça à estabilidade que, ainda que frágil, é melhor do que a situação daqueles que batem à porta. No vai e vem entre o choque e o esquecimento, o “pânico moral” e a naturalização, o autor retrata o comportamento dos “espectadores” em vista ao influxo de migrantes e refugiados que cada vez mais se aproxima. Porém, choque e pânico têm tendência a atingir a normalidade, desgastar-se e tornar-se algo natural.

Segundo Bauman, para os que estão atrás da porta, aqueles que batem são sempre estranhos porque são diferentes e, portanto, imprevisíveis. A ignorância sobre eles e suas intenções causa ansiedade e medo. O autor parte desse pressuposto para, no primeiro capítulo, *O pânico migratório e seus (ab)usos*, alertar sobre como o tema está sendo tratado na cobertura midiática e nos discursos políticos. Apresenta-se a questão migratória atual como uma crise (uma “crise migratória”), que estaria prejudicando a Europa e dando indícios de colapso da conjuntura atual, na qual seria possível colocar barreiras e, dessa forma, garantir o estado de bem-estar social da população. Esses discursos midiáticos e políticos chegam a causar um “pânico moral”, ou seja, um sentimento de medo compartilhado pela população que vive nesses locais almejados como destino. Medo de que esses imigrantes representem um prejuízo para o seu bem-estar social. Segundo dados de uma pesquisa de opinião apresentados por Alberto Nardelli na edição do Guardian de 11 de dezembro de 2015, em um ano cresceu de 25% para

40% o número de europeus que citam a imigração como tema de maior preocupação para a União Europeia.

O autor destaca dois fatos que alimentam o apoio dos europeus à discursos políticos xenófobos e racistas. O primeiro é que os migrantes “*são personificações do colapso da ordem*” (BAUMAN, 2017, p. 20), eles tornam consciente o fato de que as forças globais são poderosas o suficiente para interferir na vida de todos os moradores desse planeta. Como “vítimas colaterais” dessas forças, esses migrantes escancaram a vulnerabilidade do bem-estar a que todos estão expostos. Ao mesmo tempo, eles se apresentam uma esperança para uma grande parcela da população que está no limiar da perda de autoestima, parcela formada por aqueles que temem perder suas conquistas.

Para os indesejáveis que suspeitam ter chegado ao fundo do poço, a descoberta de outro fundo abaixo daquele em que eles próprios foram lançados é um evento de lavar a alma, que redime sua dignidade humana e recupera o que tenha sobrado de autoestima (BAUMAN, 2017, p. 18).

Na abertura do segundo capítulo, *Flutuando pela insegurança em busca de uma âncora*, Bauman pondera sobre o sentido da palavra segurança e o exaspera com que ela é almejada, de forma que se torna um produto precioso, ostentado como propaganda em discursos inflados de políticos oportunistas. Medidas protecionistas trazem a falsa ilusão de uma solução e afastam a atenção de outras questões precárias da existência. Através do resgate de pesquisas conduzidas na Europa sobre o posicionamento da população em relação às políticas para frear o influxo de migração, o autor expõe como a política e a mídia trabalham conjuntamente disseminando “medo e ansiedade oficial” quanto à ameaça que se apresenta na “crise migratória”, de forma que, com a ambiguidade do termo “securitização”, políticos não hesitam em aumentar sua popularidade em pesquisas e nem mercados demoram a lucrar com o medo.

No entanto, Bauman discorre sobre o quanto essas posturas corroboram com a generalização de migrantes como terroristas, não importando o quão honesto seja o desejo de integrar-se à comunidade em que se encontram ou de fugir daquilo que é o próprio objeto de medo: o terrorismo. A impossibilidade de diálogo, a recusa social e os rótulos estigmatizados pressionam migrantes para que aceitem a sua “posição de inferioridade”. A combinação de tais aspectos não poderia favorecer mais a discursos de grupos de recrutamento terroristas: migrantes, especialmente jovens, a partir da aceitação do veredito público de seu “fracasso” na sociedade, conseguem encontrar nesses grupos o sentimento de pertencimento. O autor encerra o segundo capítulo enfatizando a importância da inclusão e integração social no território do

“nós” como armas que o Ocidente pode, de maneira urgente, empregar no combate ao terrorismo.

Ilustrando a força com que discursos políticos vêm instaurando na população média o “medo oficial” de “cair na pobreza”, o terceiro capítulo, *Sobre a trilha dos tiranos (ou tiranas)*, inicia com o texto de Robert Reich, *Donald Trump e a revolta da classe ansiosa*, para tecer uma análise perpassada por algumas analogias religiosas, sobre como o medo fez com que Trump e outros líderes contemporâneos conseguissem, em um “truque de mágica”, conquistar confiança da população norte-americana temerosa perante o risco de terceirização ou de perder seus empregos para imigrantes ilegais. Neste capítulo, Bauman reflete sobre o caminho de “individualização” que os cidadãos da “sociedade de performance” percorrem, sob o medo de não se adequar a essa sociedade e sob a ameaça da “perda da autoestima e suas principais sequelas: rejeição, proscricção e exclusão” (BAUMAN, 2017, p. 61). Percebe-se um cenário cosmopolita “com fronteiras porosas e altamente difusas e uma interdependência universal” (BAUMAN, 2017, p. 66), no qual os “detentores do poder” apoiam a manutenção da insegurança, para seduzir a população com “promessas de agir”, promessas fraudulentas, porém cativantes.

Partindo do pressuposto de que o ser humano tem a migração como característica ancestral, Bauman deixa clara a intenção de demonstrar o que há de novo nos movimentos migratórios atuais. Considerando a história da humanidade, há pouco tempo as pessoas passaram a viver em sociedade com pessoas das quais convivem ou dependem e que a maioria delas não conhecem. Na situação atual de interdependência que a globalização impôs a todos e considerando que a capacidade de viver lado a lado determinará a escolha entre a sobrevivência e a extinção da espécie, o autor levanta o questionamento: “como conviver - viver em paz - num planeta congestionado, que está atingindo o limite de sua capacidade de ocupação?” (BAUMAN, 2017, p. 72).

Para buscar resposta a essa questão, no capítulo 4, intitulado Juntos e amontoados, Bauman recorre à filosofia de Immanuel Kant, que segundo ele, já havia previsto que a humanidade chegaria até esse momento. O autor retoma, então, o pensamento de Kant no qual a ação da hostilidade ou da hospitalidade não se trata de filantropia, mas dependem de uma questão moral, que parte do princípio de que ninguém tem mais direito do que o outro de estar em um determinado território, para defender o direito do estrangeiro a não ser tratado de forma hostil quando em território alheio. Kant não reivindica o fim das divisas territoriais, ele defendia o “direito de se associar”.

Bauman dialoga, então, com o conhecimento empírico de Hannah Arendt que a leva a afirmar que a modernidade trouxe a “negação da moral em si” e argumenta que esse espaço que surge da divisão entre o “nós” e o “eles” não exige a negação da moral, mas, pelo contrário, possibilita “impulsos morais” que visam legitimar esse antagonismo. Partindo do pressuposto de que ter moral significa saber a diferença entre o bem e o mal e reconhecer a própria responsabilidade, Bauman apresenta como seu diagnóstico a tendência à:

Exclusão de certas categorias de outros seres humanos dos domínios da obrigação moral [...]; de representar essas categorias de seres humanos como indignas de atenção e respeito, e assim justificar nosso desprezo e falta de interesse como punição merecida” (BAUMAN, 2017, p. 81).

Trata-se, portanto, do que Bauman chama de uma “dissonância cognitiva” que desumaniza os migrantes e transfere a responsabilidade a eles por suas tragédias. Como exemplo, o autor destaca um discurso do presidente da República Tcheca, Milos Zeman, no qual ele diz que os migrantes colocam as crianças em botes de borracha sabendo que elas podem se afogar.

O autor argumenta que a presença desses “outros” passou a ser notada agora que os esforços para obstruir o espaço entre o “nós” e o “eles” passaram a ser insuficientes e, dessa forma, o “eles” bateu à porta. Numa perspectiva positiva, essa situação declarada poderia se transformar em algo bom na medida em que se poderia promover o crescimento sustentável e o bem-estar das populações, fortalecendo os direitos humanos. Contudo, no capítulo 5, *Problemáticos, irritantes, indesejados: inadmissíveis*, Bauman destaca a posição da maioria dos líderes da União Europeia em fortalecer as barreiras criando uma nova guarda que iria proteger as fronteiras europeias independentemente da posição de cada país sobre o assunto. Ele cita também uma iniciativa que paira sobre a União Europeia de transferir investimentos, no caso da África, para criar campos de refugiados em seus próprios países, e algumas contradições como, por exemplo, no caso da Alemanha, que abriu as portas para milhares de refugiados, mas somente àqueles que conseguirem chegar até seu território, ficando outros milhares mortos pelo caminho e alguns milhões ignorados.

No sexto e último capítulo, *Antropológicas versus temporárias: as raízes do ódio*, Bauman retoma a filosofia de Kant quanto à moral e diferencia o conhecimento e a ação. O conhecimento do certo e do errado seria igual a todos os seres humanos por meio da razão. Contudo, a conduta moral, como também afirma Hannah Arendt, não é condição natural decorrente desse conhecimento. Kant acreditava que o medo do autodesprezo faz o homem

optar pelo agir moral, contudo, apoiado em Leon Festinger, Bauman argumenta que a “dissonância cognitiva”, mencionada anteriormente, pode ser resultado da fuga ao autodesprezo permitida por uma crença e autoconfiança inabaláveis de que se está seguindo o caminho certo, crença fortalecida pela autoridade dos números, ou seja, quanto mais pessoas o fazem, mais autoconfiante elas se tornam. O autor ressalta que as questões envolvidas na atual “crise migratória” são muito complexas e que o imperativo da moral em substituição à escolha de tornar-se moralmente cego e surdo não é tarefa fácil diante do medo do desconhecido.

Diante de todos esses fatos expostos, como conclusão, Bauman sugere um caminho e diz que “para encontrar a ponte entre pensamento e ação, é preciso concentrar-se no campo ocupado e cultivado pela sociologia (ou psicologia social?), e também na arte do diálogo” (BAUMAN, 2017, p. 99). O autor sugere que as pessoas resistam ao mecanismo aparentemente infalível de se colocar como vítimas e apontar responsáveis e percebam a presença de uma outra força: “o fenômeno do encontro, levando a um diálogo que visa, se não a um acordo incondicional, sem dúvida à compreensão mútua” (BAUMAN, 2017, p. 111). O autor faz referência ao filósofo Hans-Georg Gadamer e à sua obra *Verdade e Método*, na qual ele apresenta, segundo Bauman, que a compreensão é um processo eternamente incompleto, permanente e infundável de “fusão de horizontes” por meio da conversação entre parceiros de diálogo que busquem concordar sobre o tema em debate. A conversa seria, portanto, o caminho supremo para um acordo.

O pano de fundo da obra é embasado na realidade da União Europeia, porém as reflexões são sobre o comportamento humano, retomando conceitos filosóficos sobre a moralidade e descortinando uma reflexão atual e necessária sobre a crise humanitária. E se os exemplos trazidos pelo autor ilustram as fronteiras europeias, não é necessário esforço para vislumbrar imigrantes das mais diversas nacionalidades que habitam o cotidiano dos brasileiros, ainda que de maneira coadjuvante, no atendimento de estabelecimentos comerciais, somando-se aos funcionários de grandes indústrias, vendendo esfihas em pequenas barraquinhas de rua ou ambulantes vendendo óculos por calçadas e praias. Não é difícil traçar um paralelo entre os exemplos do livro com as fronteiras brasileiras cruzadas a pé, diariamente, pelos milhares de venezuelanos, minando a cidade de Boa Vista, no estado de Roraima, ocupando espaços públicos de uma cidade carente de aporte público. Em *Estranhos à nossa porta*, Bauman limita geograficamente seu recorte na seleção dos casos, das publicações na mídia e discursos políticos, mas sua reflexão sobre a crise humanitária é universal e pode ser utilizada para pensar no contexto migratório da América Latina.

## REFERÊNCIA

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Recebido em 25/05/2018.

Aceito em 09/06/2018.

Publicado em 28/08/2018.